

REPERTÓRIO DE ORNAMENTAÇÕES DOS FORROS DE ESTUQUE DO MUSEU DO DOCE, PELOTAS, RS: NARRATIVAS PARA UMA EXPOGRAFIA

HELEN GUTKNECHT PEREIRA¹; SAMANTA QUEVEDO DA SILVA²;
ADRIANE BORDA³

¹Universidade Federal de Pelotas – hgutknechtpereira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – samantaq@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – adribord@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca reunir narrativas para uma expografia sobre o repertório das ornamentações dos forros de estuque do Casarão 8, sede e acervo do Museu do Doce, Pelotas/RS. Junto com outros dois casarões (2 e 6) de um mesmo quarteirão do entorno da Praça Cel. Pedro Osório, compõe um conjunto urbanístico de reconhecido valor cultural (IPHAN, 2014). Este Museu, de responsabilidade da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), oferece espaço para contar a história da edificação e com isto tem fomentado projetos de pesquisa e extensão advindos de diversas áreas de conhecimento, para assim ampliar suas narrativas expográficas (MICHELON *et al*, 2020).

Dentre as narrativas que o Museu apresenta, estão as que traduzem elementos da arquitetura do Casarão para a linguagem tátil, com o propósito de cumprir a missão de um Museu, acessível a todos os públicos (BORDA, 2017). As ornamentações em relevo dos estuques dos forros, de difícil compreensão para as pessoas com deficiência visual, têm sido representadas por meio de modelos táteis como apoio à atividade de mediação. O estuque é uma técnica construtiva que teve seu aprimoramento a partir do período Clássico e foi impulsionado pelo ecletismo na Europa no século XIX. No Brasil, o movimento eclético foi incorporado como símbolo de acesso à cultura internacional, e se estendeu até a década de 1930. A técnica de estucaria foi aplicada de maneiras diferentes nas edificações ecléticas, como elemento decorativo na ornamentação das fachadas e na execução de paredes divisórias de ambientes e de forros.

Para Cunha (2010), uma exposição pode revelar elementos históricos, científicos, estéticos ou políticos, propor novos discursos ou ideias, atribuir novos significados, e considera que uma exposição museológica deve ser pensada como um instrumento para a produção e difusão de conhecimentos. Ressalta a ação de interpretação e reinterpretação do acervo pelo público, e do propósito de evidenciar elementos que passam despercebidos no nosso cotidiano ou até mesmo, que não fazem parte da vida diária da maioria das pessoas.

Há referências de expografias de arquitetura realizadas no interior da própria obra que está sendo objeto de exposição, como ocorre com o Memorial do Anglo, da UFPEL. Neste caso as narrativas remontam a história da edificação que abrigou o extinto Frigorífico Anglo a partir de fotografias do momento em que o prédio foi adquirido pela UFPEL, tratando-se de uma exposição acessível com áudio descrição, maquetes táteis e legendas em braile (SALASAR e CRUZ, 2014). Outras referências são citadas por Ferreira *et al*. (2024), como as expografias relativas às obras de Antoni Gaudí que têm explorado a potencialidade da fabricação digital para a construção de narrativas que auxiliam a leitura das obras da Sagrada Família e da Casa Milla.

Como já mencionado, o Museu já possui uma infraestrutura de representações táteis dos estuques, entretanto carece de uma expografia mais ampla que contemple a explicação do significado de cada uma das figuras ornamentais destes elementos, tanto para facilitar a ação dos mediadores do Museu, quanto para atribuir autonomia aos visitantes. Trata-se de compreender a escolha e a composição dos ornatos que, de acordo com Neutzling (2020), refletiam o gosto, a intelectualidade (a cultura) e o poder econômico do proprietário da edificação. Frente a isto, este estudo busca estruturar tais narrativas como infraestrutura para este museu como lugar da extensão universitária, como “um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (FORPROEX I, 1987).

2. METODOLOGIA

A metodologia apresenta as seguintes etapas: 1) Repertório teórico sobre: a produção do projeto Modela Pelotas; forros de estuque em relevo; ornamentação; significado; expografia. 2) Sistematização dos dados teóricos em tabelas, com a descrição dos ornamentos do estuque do quarto do casal citados a partir de Rozisky (2017) e no site da Casa Senhoral; além da descrição dos significados encontrados no livro Manual de Ornamentación (MEYER, 1929); 3) Proposta de exposição da narrativa desenvolvida neste estudo.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O estudo encontra-se em fase de desenvolvimento, com resultados em relação ao forro de estuque do quarto do casal. A partir do repertório teórico, foi possível desenvolver uma tabela de dados, com a sistematização dos elementos encontrados no estuque. A tabela 1 mostra o exemplo de dois elementos presentes no dormitório, as rosetas, identificadas como semelhantes às rosetas romanas e os frisos de óvulos, se assemelhando a cornijas do renascimento. Quanto a esse último, se trata de uma variação de cornijas que representavam fileiras de folhas, do estilo Dórico e Jônico. Sua variação se deu nos períodos grego e romano posteriores, com a substituição de folhas aquáticas simples pelas folhas de acanto, mais elaboradas. Dessa forma surgem os óvulos, com folhas intermediárias deformadas lembrando dardos ou estruturas de flechas (MEYER, 1929).





Elementos dos estuques encontrados no quarto do casal (ROZISKY, 2017 e Casa Senhoral)		Livro Manual de Ornamentación (1929)		
Fotografia da ornamentação	Nome do elemento	Fotografia do desenho do elemento	Nome do elemento	Significado
	Ornato central		Roseta romana de 5 divisões	A roseta em si é uma rosa estilizada, no sentido mais amplo, se chama roseta qualquer conjunto decorativo de forma circular, irradiando a partir de um centro. (...) Embora não tenham caráter de acabamento livre, as rosetas também são encontradas em móveis, portões e portas (nesse aspecto, o uso mais difundido corresponde ao Renascimento Italiano) e como peça central em nossos tetos modernos. Quanto ao desenho formal da roseta, os motivos vegetais aparecem com mais frequência; com pouca frequência, sendo puramente geométricas e quase nunca com o uso de figuras. O ornamento vegetal é geralmente organizado em uma série de áreas de largura desigualmente variável; O desenvolvimento é do centro para fora e, na grande maioria dos casos, radialmente, isto é, perpendicular ao círculo circundante; (...) A roseta admite inúmeras divisões, embora as usuais são 3, 4, 5, 6, 8, 10, 12 ou 16. (...)
	Frisos de óvulos		Óvulos do renascimento	(...) na Arquitetura adornam os membros inferiores das cornijas e frisos, bem como os perfis, semelhantes a cornijas, de molduras diversas. (...) Se o nervo central for omitido, a borda for desproporcionalmente reforçada e o limbo se curvar para fora, temos o ovário plano, do qual, com o tempo, derivam todas as variedades mais ou menos erradas. Não é incomum que as folhas intermediárias, semelhantes a dardos, adotem a estrutura de flechas verdadeiras (...)

Tabela 1: Exemplo da sistematização dos dados teóricos dos ornamentos do forro de estuque em relevo do quarto do casal. Fonte: Autoras, 2024.

Na figura 1 à esquerda, observa-se a perspectiva de todo o estuque do dormitório e à direita contém a sistematização de todos os elementos encontrados nos estuques, com as suas referidas nomenclaturas embasadas em Meyer (1929). Foi possível observar que a roseta presente no ornamento central do quarto do casal do casarão possui um colo formal com motivos vegetativos, mais especificamente de folhas de acanto, com uma distribuição radial do centro para fora, contendo oito divisões, se distinguindo apenas nesse último aspecto da roseta Romana de 5 divisões presente no livro.

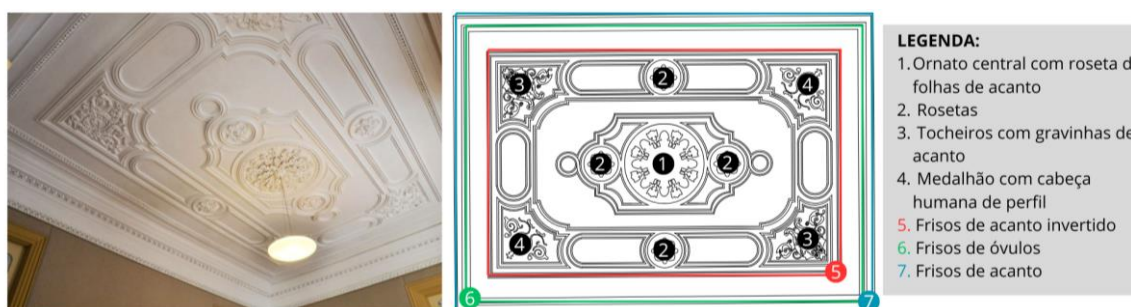


Figura 1: estuque do casal em fotografia e em desenho e legenda para os elementos encontrados no estuque com a relação de suas nomenclaturas. Fonte: Autoras, 2024 (Foto do estuque: site Casa Senhorial)

A sistematização desses elementos e os referenciais de exposições de museus, permitiram pensar em uma estratégia de expor esses conhecimentos no Museu do Doce, de forma que haja a integração das representações táteis com o significado desses elementos. Logo, propõe-se um totem expositivo e informativo, como mostra a figura 2, para cada ambiente do Museu que apresenta um forro de estuque em relevo.

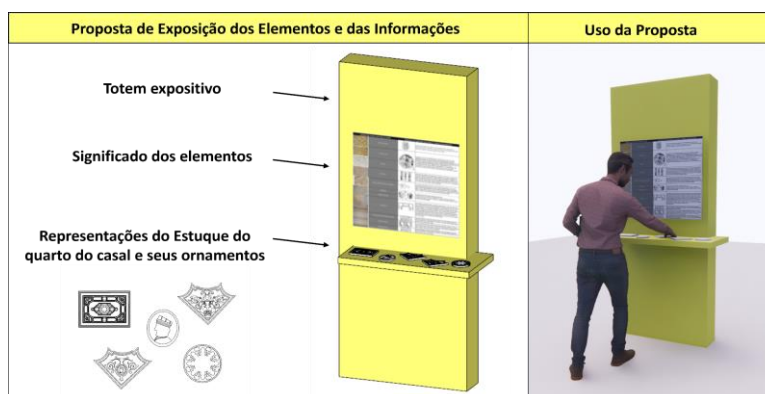


Figura 2: à esquerda, proposta de exposição dos modelos táteis e suas informações; à direita, uso da proposta. Fonte: Autoras, 2024.

4. CONSIDERAÇÕES

Considera-se importante introduzir os significados dos modelos táteis que já se encontram em exposição para os visitantes no Museu do Doce. Isto porque, faz com que haja uma infraestrutura tanto para auxiliar os mediadores do Museu, como para instigar o visitante a olhar e conhecer esses elementos presentes na Arquitetura da casa.

5. AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo financiamento da bolsa de mestrado para o desenvolvimento deste trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDA, A. Tactile narratives about an architecture's ornaments In: **XXI CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD IBEROAMERICANA DE GRÁFICA DIGITAL**, 3., Concepción. Blucher Design Proceedings. São Paulo: Editora Blucher, 2017. v.3. p.439-444.

Casa Senhoral. **Casa Conselheiro Maciel**. Portugal, Brasil & GOA. Disponível em <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-lista/532-casa-conselheiro-maciel-2>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

CUNHA, M. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. **Revista Magistro**. Rio de Janeiro, RJ: Unigranrio, 2010.

FERREIRA, A.C.; BORDA, A.; XAVIER, E.; ESLABÃO, R.; BRAGA, K.; SILVEIRA, A. Narrativas Didáticas, Geométricas e Táteis sobre Arquitetura: Contribuições para a Expografia de um Patrimônio Cultural. **Anais do Graphica 2024**. XV International Conference on Graphics engineering for Arts and Design. Pelotas, 2024.

FORPROEX I- **Primeiro Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**, 1987, Brasília. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. In: NOGUEIRA, M. D. P. (org). Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; o Fórum, 2000.

IPHAN – **INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL**. Pelotas. 2014. Acessado em: 3 set. 2024. Online. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/281>

MEYER, F.S. **Manual de ornamentación**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.,1929.

MICHELON, F.; LEAL, N.; BORDA, A.B.A.S.; SALASAR, D. A Casa do Conselheiro Maciel: visita animada pela sede do Museu do Doce da UFPel. **MOUSEION (UNILASALLE)**, v. 35, p. 85-90, 2020.

NEUTZLING, S. R. **Os saberes e os fazeres: Estuque em Jaguarão**. Porto Alegre: Imagina Conteúdo Criativo, 1 ed., 2020.

ROZISKY, C. J. **Arte decorativa: forros de estuques em relevo Pelotas, 1876/1911**. Pelotas: Ed, UFPel, 2017, v.14, 216 p.

SALASAR, D. N.; CRUZ, U. B. As Fotografias do Memorial do Anglo/Ufpel e suas traduções para os outros sentidos. **Expressa Extensão**, v. 19, n. 2, p. 145-154, 24 dez. 2014.